

HISTÓRIA BRASILEIRA. ESCRITA COM ENCANTO E PAIXÃO.

Tempo é dinheiro para um homem contemporâneo. Esta concepção de tempo interfere profundamente no preparo dos cientistas e nas formas de elaboração dos estudos históricos. Hoje, não apenas os homens mas também a pesquisa científica sofre de ansiedade. Dedicar 30 anos de vida investigando documentos sobre navegação fluvial setecentista e oitocentista é tarefa que poucos sabem fruir com o devido encanto. Sérgio Buarque de Holanda faz parte dessa minoria capaz de pesquisar, contar e escrever desafiando o tempo pelo prazer de o ver passar. E em seu livro O Extremo Oeste, publicado pela Brasiliense, reconhecemos sua preciosa leitura documental. Descreve a "vasta estrada fluvial", que, como ele mesmo diz, "com breves intervalos abraçava quase todo o Brasil desde o Tietê até a Amazônia".

A documentação utilizada para a realização deste livro encontra-se basicamente nos Arquivos Públicos de São Paulo e Cuiabá. Sérgio Buarque aprofundou ainda mais nas décadas de sessenta e setenta seu conhecimento sobre os homens de Piratininga. Derrubou velhos mitos criados pela historiografia, percebendo "um triste viver cotidiano e caseiro" que empurrava os paulistas "contra a pobreza, e para repará-la não hesitaram em deslocar-se sobre espaços cada vez maiores, desafiando as insídias de um mundo ignorado e talvez inimigo..."

Percorrendo a vida interior do colonizador, Sérgio persegue a vocação do paulista pelos caminhos que os seduzem e os convidam sempre ao movimento. Ele surge neste livro como um homem capaz de não se prender a padrões inflexíveis. Retrocedia, se fosse necessário, "a formas de vida mais arcaicas" pagando sem dor este "tributo requerido para melhor reconhecimento e posse da terra".

Sérgio Buarque de Holanda faleceu antes de concluir este livro já anunciado em 1976. Embora a obra estivesse inconclusa, José Sebastião Witter empenhou-se em sua publicação. Incluiu no prefácio, como

exemplo, algumas correções realizadas pelo autor a sua narração inicial. Provavelmente seriam seguidas por outras, até a conclusão final da obra.

Foram escritos apenas dois capítulos. O primeiro sobre os Caminhos do Extremo Oeste e o segundo sobre a Conquista do Extremo Oeste ficando, portanto, abertas algumas questões enunciadas.

O ponto de partida do historiador é o planalto de Piratininga. Nele o colono inicia um longo ritual pelo qual incorpora "costumes, tradições ou técnicas" européias. O resultado foi obtido através de alterações aos padrões iniciais ocorrendo incorporação concomitante do meio ambiente. O indígena transformou-se, com rapidez, em guia e iniciador desses colonos empobrecidos. O transporte dos gêneros era difícil, encarecia o produto que chegava em péssimas condições no porto de Santos.

Mas, apesar dessas dificuldades, São Paulo representou um ponto de apoio à penetração e ocupação, ainda que intermitente, do Oeste e, em especial, do Sul de Mato Grosso. Os portugueses de São Paulo também se dirigiram para Assunção expandindo, em levadas sucessivas, a área de colonização. Nesta expansão bandeirante o cavalo não foi utilizado, prevalecendo a marcha a pé complementada pela navegação dos rios. A arma de fogo, como nos mostra Sérgio Buarque de Holanda, não teve importância decisiva. O indígena percebeu rapidamente que o tempo para preparar o arcabuz correspondia ao de cinco ou sete flechadas. A mobilidade em áreas de selva densa era mais importante que a superioridade técnica. Os paulistas navegavam com canoas carregadas e ao mesmo tempo enfrentavam ataques indígenas. Despojados de parte da cultura material européia incorporaram a ligeireza indígena mantendo os fluxos do comércio no extremo Oeste.

Portanto, para esta empresa de alto risco (de vidas) foi necessário forjar uma estratégia adequada às necessidades do meio ambiente. Caminhar de São Paulo a Cuiabá impunha inúmeros perigos e um conheci-

mento profundo da natureza. Os assaltos aos comboios eram freqüentes, exigindo muita agilidade nos confrontos.

Abertos os caminhos iniciava-se a conquista luso-brasileira do extremo Oeste. Nos sertões ocidentais ela foi favorecida pelo afastamento do palaguá, que havia dificultado, com sua violência, a penetração.

Os castelhanos de Assunção, apesar da atividade vertiginosa dos primeiros tempos, acabaram por ceder terreno aos portugueses de São Paulo. A consangüinidade com os indígenas permitiu a ambos atuarem como gentes conquistadas e não como conquistadores inimigos. Durante as investidas contra Guairá e também no Paraguai freqüentemente os bandeirantes encontravam cúmplices contra os rigores do poder eclesiástico e civil.

Sérgio analisa com muita perspicácia o "decrecente dinamismo dos espanhóis e mestiços de Assunção, comparados à mobilidade crescente dos portugueses e mamelucos de São Paulo". Nem sempre, diz ele, "são os recursos mais perfeitos, mais 'civilizados' os que se acomodam melhor à rudeza de algumas brenhas ainda indômitas".

Os espanhóis preferiram manter os cavalos enquanto os portugueses preservaram a tradição indígena "alheia ao uso de quaisquer animais de transporte". Realizaram longas jornadas a pé, descalços, à maneira dos índios, "parecendo ignorantes de outros modos de locomoção por terra". E, assim ocuparam territórios e mantiveram eixos de comunicação através dessa maneira tão simples de locomoção. E não parece excessivo pensar ainda que os limites naturais das áreas onde os cavaleiros deixam de dar todo o seu rendimento tendem freqüentemente a coincidir com as zonas onde o ímpeto..." Esta é a última frase de sua obra.

Ímpeto é a palavra final que Sérgio Buarque de Holanda se utiliza para descrever mais um capítulo de nossa história. É uma palavra forte, resplandecente, capaz de revelar paixão no limiar da vida.

Janice Theodoro da Silva